
Fanatismo e agressividade em torcedores de futebol

*Alina Mira Maria Coriolano,
Erick Francisco Quintas Conde*

Resumo

Apesar de alguns trabalhos teóricos, não foram encontradas pesquisas explorando a relação entre agressividade e fanatismo por futebol sob uma perspectiva quantitativa. No presente trabalho, a Escala de Fanatismo em Torcedores de Futebol (EFTF) e o Questionário de Agressividade de Buss-Perry (AQ), foram utilizados para estudar se os diferentes fatores de agressividade (raiva, agressividade verbal, hostilidade e agressão física) variam e/ou se relacionam com os diferentes níveis de fanatismo por futebol. Participaram do estudo 56 voluntários que declararam simpatia por, ao menos uma das três equipes objetivo do estado de Pernambuco (Brasil). Os resultados mostraram correlações positivas e moderadas entre os escores da EFTF e os valores obtidos para todas as dimensões do AQ. A análise comparativa também mostrou diferenças significativas entre os grupos de alto e baixo índices de fanatismo, para todos os fatores do AQ. Como conclusão, este estudo demonstrou que o fanatismo pelo futebol é uma variável importante a ser considerada para a segurança e a prevenção da violência nos estádios de futebol.

PALAVRAS CHAVE: fanatismo, agressividade, torcida, futebol, psicologia do esporte.

Fanaticism and aggressiveness in soccer fans

*Alina Mira Maria Coriolano,
Erick Francisco Quintas Conde*

Abstract

Despite some theoretical works, no researches were found exploring the relation between aggressiveness and soccer fanaticism from a quantitative view. In this work the Football Supporter Fanaticism Scale (FSFS) and the Buss-Perry Aggression Questionnaire (BPAQ) were used to study if the different aggressiveness factors (anger, verbal aggression, hostility and physical aggression) vary and/or correlate to different soccer fanaticism levels. Participated of the study 56 volunteers who declared sympathy for at least, one of the three aim teams of the Pernambuco state (Brazil). Results showed positive moderate correlations between FSFS scores and the values obtained for all dimensions of BPAQ. Comparative analyzes also showed significant differences between higher and lower fanaticism groups, for all aggressiveness factors. As conclusion, this study proved that fanaticism for football is an important variable to be considered for safety and the prevention of violence in football stadiums.

Key words: fanaticism, aggressiveness, fan, football, sport psychology

Fanatismo y la agresividad en los hinchas de fútbol

*Alina Mira Maria Coriolano,
Erick Francisco Quintas Conde*

Resumen

Aunque algunos trabajos teóricos, no fueron encontrados estudios explorando la relación entre la agresividad y el fanatismo por el fútbol por una perspectiva cuantitativa. Este la Escala de Fanatismo en Hinchas de Fútbol (EFHF) y el Cuestionario de Agresividad de Buss-Perry (AQ) fueron empleados para evaluar si los diferentes factores de la agresividad (ira, agresión verbal, la hostilidad y la agresión física) varían o se relacionan con los diferentes niveles de fanatismo por fútbol. En el estudio participaron 56 voluntarios que declaran su apoyo a al menos uno de los tres principales equipos del estado de Pernambuco (Brasil). Los resultados mostraron una correlación positiva y moderada entre las puntuaciones del EFHF y los valores de todas las dimensiones de el AQ. El análisis comparativo también mostró diferencias significativas entre los grupos de alto y bajo fanatismo, en todos los factores de AQ. En conclusión, este estudio demostró que el fanatismo por fútbol es una variable importante a considerar para la seguridad y prevención de la violencia en los estadios de fútbol.

PALABRAS-CLAVE: fanatismo, agresividad, hincha, fútbol, psicología del deporte.

Introdução

No Brasil, os times de futebol recebem um adesão em massa de milhares de pessoas como torcedores que acompanham os jogos e torcem com diferentes níveis de envolvimento. Silva, Menegotto, Carmona e Mazo (2016) definiram o ato de torcer como a adesão à trajetória de um clube, onde o termo entusiasmo, foi empregado também ressaltando o aspecto emocional e motivacional presente nesta relação. Tal fenômeno, para outros autores, apresenta uma complexidade maior, decorrente de representações simbólicas de pertencimento a grupos que, sob influências de fatores culturais e outros aspectos intrínsecos e extrínsecos ao sujeito, estimulam as pessoas a serem a favor ou contra o sucesso de um time (Damo, 2008; Toledo, 2010). Bouas e Arrow (1996, citados por Wachelke, Andrade, Tavares & Neves, 2008) sugerem que tal processo deriva de mecanismos conscientes e coletivos, enquanto Conde et al. (2011, 2014), trazem evidências de que mecanismos implícitos e automáticos também podem influenciar a relação das pessoas com as representações dos times favoritos e rivais.

Na tentativa de explicar o envolvimento das pessoas com os times de futebol, Carvalho, Oliveira e Assumpção (2012, p. 3) propuseram que o futebol tem a capacidade de fazer com que torcedores atinjam níveis elevados de participação e fusão coletiva, em um processo de 'simbiose afetiva', termo empregado para traduzir a comunhão entre os torcedores com seus times. Em uma perspectiva funcional, o futebol serviria como elemento de aproximação, reforçado pela cultura, em conjunto com valores e sentimentos de pertencimento (Canale, 2012; Carvalho et al., 2012) e patriotismo (Damo, 2008).

Existem relatos de que, em alguns casos, o envolvimento com o time pode ser ainda mais intenso, caracterizando o fanatismo por futebol (Wachelke et al., 2008). Comumente chamados de torcedores fanáticos, pessoas ávidas por futebol podem manifestar grande envolvimento emocional com o clube (Alves & Pereira, 2012; Giulianotti, 2012; Silva Brito & Maciel, 2015), fazendo com assumam estereótipos, regras sociais e padrões de comportamentos, consolidados ao longo de uma longa história por rixas, vitórias, derrotas, repercussões da imprensa e especificidades dos confrontos esportivos (Damo, 2002). Em uma obra clássica no campo da psicologia do esporte, Cratty (1984) já sugeria a necessidade de diferenciação dos torcedores quanto ao nível de envolvimento para uma compreensão mais ampla dos fenômenos envolvendo a torcida e os atletas. Para o autor, tal envolvimento poderia variar de um nível primário, que contemplaria os torcedores mais ativos e aficionados, a um nível terciário que congregaria os torcedores que só possuem interesse e buscam se informar à respeito apenas esporadicamente. Cratty (1984) também discorre sobre as maneiras pelas quais a torcida se comporta e se manifesta, considerando não apenas as verbalizações de apoio e incentivo, mas também a possibilidade de manifestações com conteúdo agressivo.

Infelizmente, episódios de agressão e violência tem sido registrados frequentemente nas ocorrências policiais associadas às rivalidades presentes no futebol (Burnett, 2002; Guilianotti, 2013; Kerr & de Kock, 2002). Empiricamente, têm-se a idéia de que torcidas organizadas e, em particular, os torcedores fanáticos são os principais responsáveis por esses atos de violência (Holey & Johnson, 1998). Para Wachelke et al. (2008), o fanatismo é um fenômeno social que requer mais estudos e cuidados. Os autores definem o termo "fanático" como uma condição onde ocorre um elevado nível de identificação do torcedor para com o seu time, circunstância que

pode envolver também manifestações emocionais intensas, podendo envolver conflitos e agressão física em determinadas circunstâncias (Wachelke et al., 2008).

De fato, o comportamento emocional de torcedores em dias de jogos de futebol tem demandado investimentos consideráveis no campo das políticas públicas, em especial na área de seguridade social, devido aos altos índices de violência e crimes relacionados à rivalidade entre times de futebol (Kerr & de Kock, 2002; Guilianotti, 2013). No Brasil, a violência nas torcidas de futebol tem assumido estatísticas alarmantes, fazendo com que este seja considerado um dos países com maiores índices de homicídios entre torcedores de futebol. Durante dez anos, o Brasil ocupou o terceiro lugar em uma lista entre os países onde mais se mata por motivos relacionados ao futebol, tendo ficado atrás apenas da Argentina e da Itália (Murad, 2013). Segundo a matéria jornalística escrita por Castro (2014), as mortes confirmadas atingiram, entre os anos de 2010 e 2013, o quantitativo de 12, 11, 23 e 30 ocorrências, respectivamente. Em 2014, 18 mortes foram registradas e outras 6 ainda estavam sendo investigadas. Outro dado importante, também exposto por Castro (2014), foi o aumento de julgamentos pelo Supremo Tribunal de Justiça Desportiva (STJD) de processos referentes a violência dentro dos estádios por desordem, vandalismo, arremesso de objetos e atos de violência. Neste período, alguns episódios marcantes de violência no futebol brasileiro também obtiveram repercussão mundial, dentre os quais destacam-se, em 2013, o confronto entre torcedores na Arena Joinville durante a partida entre Atlético-PR e Vasco e, em 2014, o arremesso de dois vasos sanitários no Estádio do Arruda por torcedores do Santa Cruz sobre rivais do Paraná Clube, como aponta, em reportagem, Lins (2014).

Manifestações dos torcedores desencadearam também tragédias memoráveis e impressionantes ao redor do mundo, dentre as quais destacam-se a tragédia do Estádio Nacional de Lima (1964), que registrou 318 mortos e mais de 500 feridos após a anulação de um gol do Peru em uma partida contra a Argentina válida para a classificação Olímpica (Castro, 1994); a tragédia no estádio Heysel (1985), iniciada por provocações mútuas entre torcedores do Liverpool e do Juventus, desencadeou o rompimento de grades através da pressão humana, culminando na queda de dezenas de pessoas e também em uma briga generalizada, onde hastes de metal foram retiradas das grades de contenção para serem utilizadas como armas. O episódio resultou em 39 mortos e um grande número de feridos (Steen, 2016); e na Argentina onde, após o clássico entre Boca Júnios e River Plate (1968), um portão fechado fez com que os primeiros torcedores que tentavam sair do estádio fossem esmagados e asfixiados pela multidão. Em Hillsborough (em 1989), 96 pessoas morreram durante partida da semifinal da Copa da Inglaterra de 1989 entre Liverpool e Nottingham Forest, tendo sido evidenciado que houveram falhas no comando operacional e despreparo de policiais. Como se pode observar, a combinação do comportamento dos torcedores com parâmetros estruturais dos estádios e a logística operacional são fatores que podem influenciar diretamente nos riscos à integridade física de torcedores.

Quanto aos aspectos estruturais, a adoção de estratégias de segurança tem evoluído e se mostrado realmente mais efetivas. No entanto, o comportamento dos torcedores tem sido uma variável desafiadora para a promoção da segurança durante os eventos esportivos. Neste sentido,

o presente estudo irá investigar de que forma medidas psicométricas da agressividade, em suas diferentes dimensões, se relacionam com os níveis de fanatismo por futebol. Para tal, serão utilizados instrumentos com propriedade psicométrica já validadas em estudos de adaptação para a língua portuguesa e para o contexto brasileiro, como a Escala de Fanatismo em Torcedores de Futebol (EFTF) (Wachelke et al., 2008) e o Questionário de Agressividade de Buss-Perry (AQ) (Cunha & Gonçalves, 2013; Gouveia, Marques Chavez, Peregrino, Castello Branco & Gonçalves, 2008). O estudo pretende ainda comparar as dimensões de agressividade entre grupos de torcedores de alto e baixo índice de fanatismo por futebol.

Materiais e Métodos

Participantes

Cinquenta e seis pessoas participaram voluntariamente deste experimento sendo trinta frequentadores de estádios e vinte e seis estudantes universitários do Recife. Além de declararem-se simpatizantes ou torcedores de um dos três principais times deste estado (Clube Náutico Capibaribe, Santa Cruz Futebol Clube e Sport Club do Recife), os participantes eram maiores de 18 anos, e relataram não possuir histórico de distúrbios psiquiátricos e/ou neurológicos.

Ainda sobre a caracterização desta amostra, a idade dos participantes variou de 18 a 57 anos. Sendo 57,14% da amostra entre 18 e 25 anos, 19,64% dos 26 aos 33 anos, 14,28 dos 34 a 41 anos, 3,57% dos 41 a 48 anos e 5,36% com mais de 48 anos. A média das idades foi de 28,10 anos e desvio padrão de 9,18. Quanto ao sexo autodeclarado, há majoritariamente participantes do sexo feminino (66,07%) do que participantes do sexo masculino (33,93%).

Instrumentos

Escala de Fanatismo de Torcedores de Futebol (EFTF)

A identificação dos torcedores com seus times foi mensurada através da Escala de Fanatismo em Torcedores de Futebol (EFTF), instrumento que adquiriu validade fatorial e consistência interna no estudo de Wachelke et al. (2008). A escala permite classificar graus de fanatismo de torcedores com os respectivos times em diferentes níveis de intensidade. Adaptada ao futebol e ao contexto brasileiro, esta escala psicométrica inclui itens que representam indicadores de comportamentos, situações e crenças relacionadas aos comportamentos de torcedores para um time de futebol, apresenta formato de resposta do tipo likert com 7 pontos, que variam entre de 1 – discordo fortemente – a 7 – concordo fortemente. Adquiriu validade fatorial e consistência interna no estudo de Wachelke et al. (2008).

Questionário de Agressividade de Buss-Perry (AQ)

Desenvolvido por Buss e Perry, o instrumento é uma proposta atualizada do Inventário de Hostilidade Buss-Durkee (BDHI) e possui 29 itens

para avaliar comportamentos agressivos (Buss & Perry, 1992). O AQ se apresenta em formato do tipo likert, onde cada resposta deve ser classificada em respostas entre 1 e 5 níveis, onde o primeiro representa "nunca" ou "quase nunca" e o último representa "sempre" ou "quase sempre".

No estudo de adaptação do instrumento para o contexto brasileiro (Gouveia et al, 2008), a análise fatorial sugeriu a manutenção de 4 fatores de primeira ordem, dentre os quais estão agressividade física, agressividade verbal, raiva e hostilidade, possuindo 9, 5, 7 e 8 itens, respectivamente. Adicionalmente, emergiu um fator de segunda ordem nomeado Agressão Conforme propuseram Buss e Perry (1992), as primeiras congregam componentes instrumentais e motores do comportamento, enquanto a raiva engloba aspectos emocionais e reatividade psicofisiológica da agressividade e, por fim, a hostilidade envolve componentes cognitivos da agressividade.

Procedimentos

Toda a avaliação dos participantes aconteceu em uma única sessão de avaliação. Após uma breve explanação sobre os objetivos da pesquisa, foi explicado que a participação seria livre e que poderia interromper sua participação a qualquer momento, sem a necessidade de maiores explicações. Todos os participantes do experimento assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) antes de começarem a responder os instrumentos. A pesquisa respeitou as diretrizes da Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, sobre princípios éticos das pesquisas com seres humanos, tendo sido submetida e aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal de Pernambuco.

Os participantes responderam à pesquisa individualmente, porém em ambientes públicos, como nos arredores de estádios de futebol e também áreas de convivência da Universidade federal de Pernambuco, no caso dos estudantes universitários. Nas instruções, buscou-se indicar que a participação era voluntária, enfatizando que não existiam respostas certas ou erradas e que estas seriam mantidas no anonimato, analisadas unicamente em conjunto com os demais dados da amostra. Em geral, entre 10 e 20 minutos foram suficientes para responder aos instrumentos, tendo os participantes recebido um livreto composto pelas EFTF e AQ. Finalmente, procurando caracterizar a amostra de participantes, foram ainda incluídas perguntas de natureza demográfica como sexo e idade, por exemplo.

Análise dos dados

No presente estudo foram realizadas análises de natureza descritiva, correlacional e comparativa. A perspectiva descritiva foi essencialmente de natureza qualitativa, contendo dados que podem ser importantes para a compreensão dos resultados. Nessa perspectiva, foi possível, através de percentuais das respostas, qualificar os times de futebol a quem se devotam, a ordem de preferência pelos times de Pernambuco (Clube Náutico Capibaribe, Santa Cruz Futebol Clube e Sport Club do Recife) e delinear uma estimativa do número de jogos que acompanhou na temporada passada (por comunicação ou presencialmente). Utilizou-se também estatísticas descritivas (média, desvio padrão, mínimo e máximo) na descrição dos resultados de cada uma das escalas.

Para o Questionário de Agressividade de Buss-Perry, foram considerados os valores tomados como parâmetros apresentados por Rego (2005,

citado por Silva, 2009) onde, sendo a amplitude total do instrumento de 29 – 145, os valores de 29 a 65 constituem baixos níveis de agressividade e valores maiores que 65 enquadram-se com alto nível de agressividade.

A perspectiva quantitativa se estabeleceu através da utilização do coeficiente de *Pearson* em análises correlacionais entre a pontuação total da EFTF e as médias de cada um dos fatores do Questionário de Agressividade de Buss-Perry. Para tal, foram obtidas as médias dos itens de cada fator e posteriormente, um valor geral de agressividade com a média de todos os fatores (Cunha & Gonçalves, 2013).

A análise comparativa se destinou a investigar diferenças nas medidas de agressividade entre dois grupos com níveis distintos fanatismo, considerados como de alto e baixo de fanatismo. Para essa finalidade, os dados obtidos na EFTF foram organizados de maneira decrescente e diferenciados com base na mediana. Possíveis diferenças entre os dois grupos foram então averiguadas através do teste t de student. O índice de significância para todas as análises foi estabelecido em $p < 0.05$.

Resultados

Inicialmente, buscando características gerais sobre os participantes do estudo, foi verificado que a maioria indicou preferência principal para o Sport (57,14%), sendo esta frequência ainda maior que a soma dos participantes que torcem para o Santa Cruz (28,57%) e para o Náutico (14,29%). Como segunda preferência de time, o Náutico assume 48,21% seguido pelo Santa Cruz (35,71%) e pelo Sport (8,93%). Houveram aqueles que optaram por frisar não ter nenhuma preferência (7,14%) além do seu time favorito e assim, ainda que a opção 'nenhum' não constasse no questionário, tendo surgido como resposta, foi incorporada aos resultados. Quanto ao terceiro time preferível, encontramos dados que apresentam respostas semelhantes, sendo também o Náutico o time com mais respostas (32,14%), seguido do Santa Cruz (30,36%), pelo Sport (28,57%) e por nenhuma destes (8,93%), respectivamente.

Curiosamente, 46,87% dos torcedores do Sport preferem o Santa Cruz ao Náutico, outros 46,87% preferem o Náutico ao Santa Cruz e 6,25% não preferem nenhum dos dois. Os torcedores tricolores, por sua vez, preferem, majoritariamente, o Náutico ao Sport (68,75%) do que o Sport ao Náutico (18,75%) e alguns outros não tem preferência entre os dois times (12,5%). Por fim, a maioria dos torcedores do Náutico preferem o Santa Cruz ao Sport (62,5%) ao invés de preferir o Sport do que ao Santa Cruz (25%) ou a nenhum deles (12,5%). Estes resultados parecem indicar uma rivalidade entre estes dois times e o Sport.

Sabe-se ainda que as pessoas com grande envolvimento por seus times tendem a expressá-lo através das vestimentas, acessórios e pinturas, comportamentos e também através da participação em eventos e acompanhamento do desempenho de seus times. Em conformidade com isto, foi verificado que, quanto ao número de jogos acompanhados pelos participantes da pesquisa durante a última temporada, 14,3% dos participantes afirmaram não ter visto nenhum jogo de seu time, 25% assistiram a 1 ou 2 jogos, 30,4% entre 2 e 10 jogos e 30,4% tendo assistido mais de 10 jogos.

Ainda a respeito do envolvimento com seus times, foi averiguado o tempo que os participantes se consideram torcedores, onde 7,14% torcem há menos de 5 anos, 33,93% torcem entre 5 e 15 anos, 33,93% entre 15 e 25 anos, 10,71% torcem entre 25 e 35 anos, 8,93% torcem entre 35 e 45 anos e 5,36% torcem há mais de 45 anos.

Análises correlacionais demonstraram que os escores da EFTF e o Questionário de Agressividade apresentaram uma correlação moderada significativa com o fator "Raiva" ($r=0,48$; $p<0,01$), "Agressão física" ($r=0,49$; $p<0,01$) e "Hostilidade" ($r=0,58$; $p<0,01$). Houve também uma correlação significativa, porém mais fraca, com o fator "Agressão verbal" ($r=0,32$; $p<0,01$). Também foi encontrada uma correlação moderada entre os escores da EFTF com a pontuação geral do questionário de Agressividade de Buss-Perry ($r=0,54$; $p<0,01$), ilustrada na figura 1.

A análise comparativa entre os grupos de alto e baixo fanatismo se pautou na mediana (61,5 pontos) dos valores obtidos na EFTF para caracterização dos dois grupos. Sendo assim, o grupo de baixo fanatismo obteve pontuação média de 47,64 ($dp = 6,37$) e o grupo de alto nível de fanatismo, 83,39 pontos ($dp = 16,43$). Comparando a pontuação média obtida para cada grupo, foi verificado que diferiram significativamente entre si, tal como demonstrado pelo teste t ($p < 0,01$), caracterizando assim dois grupos com níveis de fanatismo distintos.

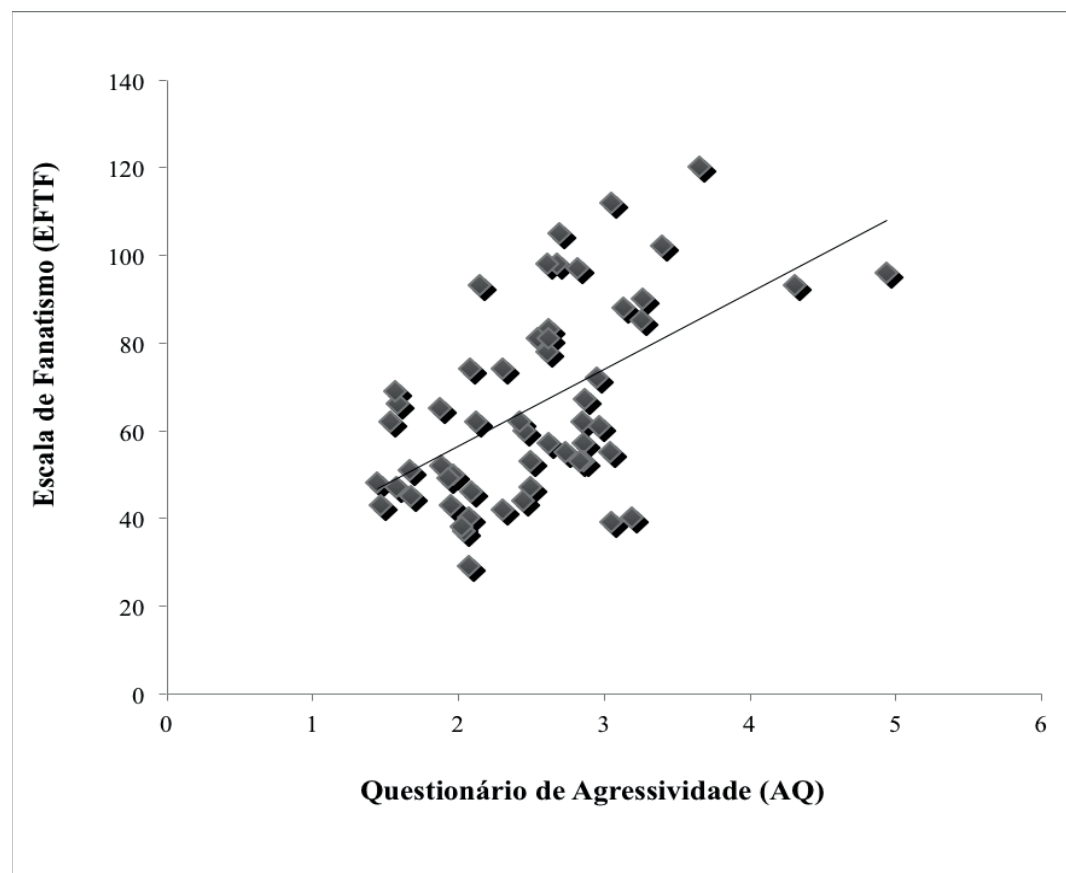


Figura 1: Relação entre os valores obtidos na EFTF com a pontuação geral do AQ.

Comparando os valores obtidos na AQ entre os dois grupos de fanatismo foi possível observar que os mesmos diferiram significativamente entre si em todos os fatores da escala e também com relação à pontuação total. Especificamente com relação aos resultados obtidos na dimensão Raiva, o grupo de alto fanatismo apresentou valores estatisticamente maiores ($p < 0,01$) do que o grupo de baixo fanatismo, tendo obtido a pontuação de 2,7 ($dp = 0,86$) e 2,3 ($dp = 0,31$) respectivamente. Considerando a dimensão de agressividade física também foram encontrados valores maiores ($p < 0,01$) para o grupo de alto fanatismo (2,3; $\pm 0,93$) em comparação ao grupo de baixo fanatismo (1,8; $\pm 0,24$). O mesmo padrão se mostrou presente para o fator Hostilidade, com índices estatisticamente maiores ($p < 0,01$) para o grupo de alto fanatismo (3,0; $\pm 0,9$) do que para o de baixo fanatismo (2,3; $\pm 0,31$). Referente à dimensão agressão verbal, apesar de uma diferença relativamente pequena de 0,2 décimos entre os dois grupos, a comparação verificou que os grupos diferiram significativamente entre si ($p < 0,01$), onde o grupo de alto fanatismo obteve uma média de 2,9 pontos ($\pm 0,91$) e o grupo de baixo fanatismo de 2,7 pontos ($\pm 0,36$). Tendo em vista as dimensões e as diferenças já apresentadas, há de se esperar que o escore total da AQ também fosse diferente entre os dois grupos. Assim, na pontuação total da AQ, o grupo de alto fanatismo obteve, em média, 2,7 pontos ($\pm 0,77$) enquanto que o grupo de baixo fanatismo obteve 2,3 ($\pm 0,31$), com diferenças significativas entre si ($p < 0,01$). Tais comparações podem visualizadas na figura 2.

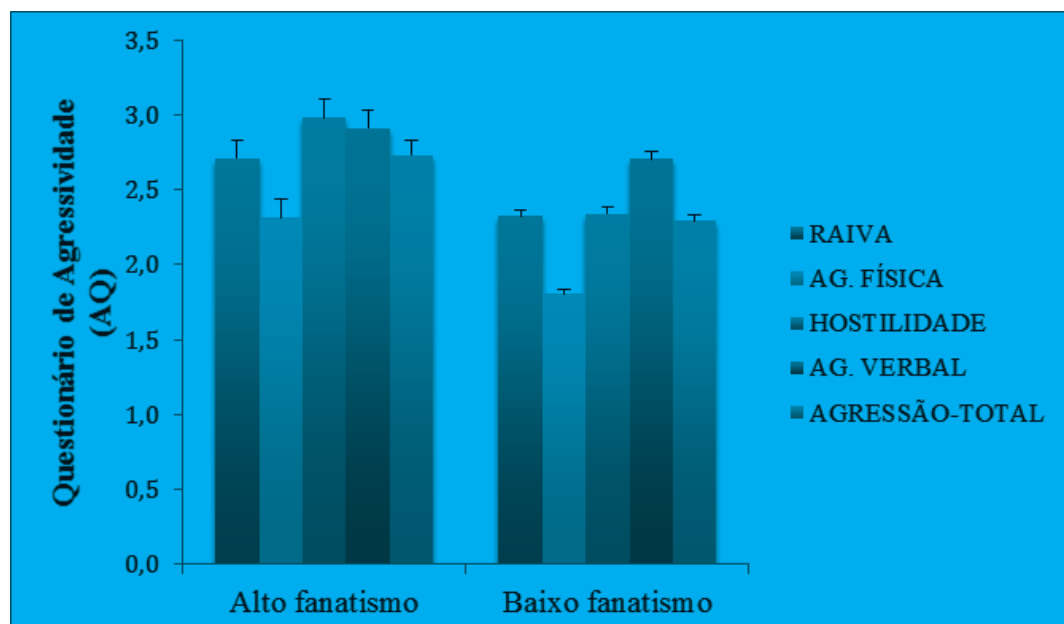


Figura 2: Médias dos fatores AQ para cada grupo (alto, baixo fanatismo). Barras representam erro o padrão.

Discussão

Diferentes estudos tem demonstrado que o futebol envolve diferentes tipos de manifestações afetivas e comportamentais (Damo, 2008; Toledo, 2010; Wachelke et al., 2008). É irrefutável que o comportamento agressivo está presente no contexto esportivo, tendo se manifestado frequentemente em diferentes vertentes e circunstâncias, tal como dentro e fora das arenas de competição (Sacks, Petscher, Stanley & Tenenbaum, 2003), podendo envolver jogadores, árbitros, comissão técnica e, sobretudo, torcedores (Sivarajasingam, Moore & Shepherd, 2005).

Modelos teóricos sobre a agressividade, tem enfatizado a existência de componentes importantes a serem considerados em uma compreensão mais ampla e multifatorial desse fenômeno (Buss & Durkee, 1957; Buss & Perry, 1992; Harris, 1995). Dentre estes, a agressão física e verbal representariam os componentes manifestados através do comportamento. A raiva seria essencialmente um componente emocional, contendo todo o potencial de excitação fisiológica e preparação do organismo para a agressão. Por fim, a hostilidade envolve estados de má vontade, percepção de injustiça e desmerecimento, representando o componente cognitivo da agressividade (Buss & Perry, 1992; Cunha & Gonçalves, 2013). A articulação entre os referidos componentes é sugerida como a hostilidade desencadeando as respostas afetivas (como a raiva) que, por sua vez fazem com que o comportamento agressivo se manifeste, via agressão física e/ou agressão verbal. Nossos resultados demonstram que o nível de fanatismo do torcedor pelo seu time se correlaciona positivamente com todas essas dimensões da agressividade. Adicionalmente, torcedores com níveis distintos de fanatismo parecem também diferir com relação aos indicadores de agressividade auto-relatados para todos os fatores. Contudo, se torna importante uma ressalva sobre o componente da agressão verbal, que demonstrou uma correlação mais fraca com os índices de fanatismo. Como se trata de um dado inédito, não existe uma hipótese consistente sobre tal fenômeno, mas possivelmente se deve ao viés cultural onde xingamentos e agressões verbais são usuais no futebol e, possivelmente, dependem menos do nível de fanatismo em questão ou do envolvimento do torcedor com seu time.

De acordo com psicólogos que trabalham diretamente com o esporte, variáveis como a importância da partida, a provocação de adversários, comportamento do treinador e o placar podem servir como motivos extrínsecos à deflagração da violência dentro do campo de futebol (Barroso, Krebs, Velho, Fensterseiffer & Rotta, 2007). Nesse ponto, importante frisar que tais aspectos foram considerados nesse estudo por serem adotados na caracterização dos itens da EFTF, para os quais os participantes deveriam registrar como se comportavam diante de algumas dessas situações (Wachelke et al., 2008).

Apesar desse estudo se restringir ao fanatismo entre torcedores por futebol, outras formas de fanatismo, como religiosos e políticos, também parecem incidir sobre esta modalidade e na integridade física dos envolvidos. Nos referimos, por exemplo, ao fato de que estádios de futebol tem sido alvos de ações de grupos extremistas, como observado por Dorsey (2016) quando cita o atentado planejado pelo Estado Islâmico ao estádio de Hannover, que promoveria um jogo amistoso entre França e Alemanha (em novembro de 2005). O autor cita também o jogo cancelado na Bélgica, contra a Espanha, também mediante evidências de um atentado, tal como desvendados os planos de ataque do Al-Qaeda a partidas da copa do mundo de 1998.

Diante do exposto, considera-se que, de uma forma geral, os resultados aqui descritos permitem ampliar o conhecimento sobre a manifestação da agressividade e sua relação com o fanatismo, deixando claro que a variável "Fanatismo" possui o potencial de interferir significativamente na convivência pacífica e harmônica entre pessoas, especificamente como evidenciado neste trabalho, entre torcedores de futebol. Tais aspectos devem ser considerados também como relevantes para o estabelecimento de políticas públicas, principalmente na área de segurança, uma vez que grandes esquemas de mobilidade e de apoio policial tem sido formatados em larga escala, mas são requisitadas principalmente por um grupo seletivo de torcedores que possuem em seu perfil, níveis mais intensos de envolvimento emocional e, conseqüentemente, maiores índices de fanatismo.

Não desconsiderando a contribuição da presente investigação, identifica-se que ainda existem muitos aspectos a serem explorados no que tange à influência do fanatismo por futebol na agressividade de torcedores. Observam-se lacunas sobre o efeito de variáveis como grupos étnicos, sociais, tempo de torcedor, gênero, variáveis individuais da personalidade, bem como estudos que possam replicar esses resultados em outros estados do Brasil e talvez fora do país, dados os indicadores que se trata de um fenômeno amplo irrestrito às nações.

Salienta-se ainda que o estudo se pautou apenas em medidas psicométricas com base no auto-relato. Parâmetros sobre a reatividade fisiológica e medidas implícitas do comportamento na interação do torcedor com seu time e times rivais, embora tenham sido consideradas previamente em outros estudos (Park et al., 2009; Conde et al., 2011; Conde et al., 2014), não avaliaram aspectos sobre a relação do fanatismo com a agressividade.

Por fim, alguns autores propuseram que as torcidas se afirmam e se identificam por oposição, exclusão e negação mútua, com signos de pertencimento específicos para cada grupo (Assumpção, Sampaio, Caetano, Caetano Júnior & Silva, 2011; Oliven & Damo, 2001). Obviamente que nos debruçamos aqui sobre as manifestações de agressividade, prioritariamente originárias dessa vertente de oposição, exclusão e negação, bem como sobre os comportamentos disfuncionais e agressivos decorrentes, desconsiderando a beleza, a festa e os benefícios sociais promovidos e motivados pelos sentimentos de pertencimento e paixão pelo futebol. A pesquisa de Al Ganideh e Good (2016), por exemplo, destaca o papel do futebol Europeu como ferramenta de propagação da paz e harmonia entre as pessoas, em um estudo com uma população árabe.

Conclusões

Como espetáculo, o futebol tem envolvido bilhares de pessoas ao redor do mundo e também apresentado índices significativos de movimentação financeira. Dado tal exponencial, Vieira e Siqueira (2008) apontam que as proporções assumidas pelas manifestações de violência e agressividade entre torcedores devem ser consideradas como uma questão de saúde pública. É fato que, como requisitos básicos para a realização de partidas, estão o cumprimento de medidas de segurança, estrutura e logística. Ainda assim, os modelos vigentes não conseguem ampliar a efetividade de suas medidas (Reis, 2010; Joseph, 2015), fazendo com que, infelizmente, a violência entre torcidas continue afastando muitas pessoas dos estádios

(Guilianotti, 2013). Algumas das estratégias adotadas para a realização da Copa do mundo de 2014 e para os jogos Olímpicos do Rio em 2016 se basearam na reorganização estrutural dos estádios e em medidas previstas no estatuto do torcedor. No entanto, tais medidas também tem sido alvos de críticas importantes que indicam uma conseqüente elitização no acesso aos estádios e criminalização das torcidas organizadas (Lopes, 2013; Lopes & dos Reis, 2016).

Dado que a violência nos estádios se estabelece como fenômeno complexo e multivariado (Lopes, 2016; Dunning, 2006), o presente trabalho reforça e indica que as abordagens devem considerar também processos psicossociais e singularidades da expressão emocional do torcedor na relação que estabelece com o seu time e com seus principais rivais. Neste sentido, urge a demanda por ações multidisciplinares ao fenômeno, que articulem também a sociologia e a psicologia no planejamento e implementação de políticas públicas adequadas para a segurança nos estádios de futebol e também na avaliação e atendimento a torcedores que se envolvem em episódios de violência.

Embora muitos estudos já tenham se debruçado sobre esse fenômeno em diferentes perspectivas (Barroso, Velho & Fensterseifer, 2006; Damo, 2002, Sivarajasingam, Moore & Shepherd 2005), acredita-se que os achados desta pesquisa possuem relevância no sentido de ampliar um pouco mais a compreensão sobre as variáveis relacionadas às agressões entre torcedores de futebol, por demonstrar que o envolvimento emocional deste com seu time é um fator importante a ser considerado nas políticas e estratégias de promoção de medidas de segurança nos estádios de futebol.

Referências

- Al Ganideh, S. F., & Good, L. K. (2016). The magic of soccer: Transforming animosity into love (An empirical study of Arab fans and major European soccer leagues). *International Journal of Sport and Exercise Psychology*, 1-16.
- Alves, D. F., Pereira, J.M. (2012). O torcedor de futebol, paixão que extrapola as quatro linhas. In: *Encontro Nacional de História Oral*, 11, Rio de Janeiro: Rio de Janeiro.
- Assumpção, L. O. T., Sampaio, T. M. V., Caetano, J. N. N., Caetano Júnior, M. A., & Silva, J. V. P. D. (2011). Temas e questões fundamentais na Sociologia do esporte. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, 18(2), 92-99.
- Barroso, M. L. C., Krebs, R. J., Velho, N. M., Fensterseiffer, A. C., & Rotta, T. M. (2007). Fatores que geram violência no futebol: uma análise psicológica na região sul do Brasil. *Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano*, 9(2), 154-158.
- Barroso, M. L. C., Velho, N. M., & Fensterseifer, A. C. B. (2006). Violence in soccer: a socio-psychological review. *Brazilian Journal of Kinanthropometry and Human Performance*, 7(1), 64-74.
- Burnett, C. (2002). The killing fields of soccer: Violence, villains and victims. *African Journal for Physical, Health Education, Recreation and Dance*, 8(1), 149-160.
- Buss, A. H., & Durkee, A. (1957). An inventory for assessing different kinds of hostility. *Journal of consulting psychology*, 21(4), 343.
- Buss, A. H., & Perry, M. (1992). The aggression questionnaire. *Journal of personality and social psychology*, 63(3), 452.
- Canale, V. dos S. (2012) *Torcidas organizadas e seus jovens torcedores: diversidades e normativas do torcer*. Dissertação (Mestrado em Educação Física), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil.
- Carvalho, S., Oliveira, C., & Assumpção, L. (2012). Notas sobre a atração do esporte - uma leitura sociológica. *Educação Física Em Revista*, 6(1). Recuperado fevereiro 3, 2016, de <http://portalrevistas.ucb.br/index.php/efr/article/view/3193/1989>
- Castro, C.O. (2014, 28 de dezembro). Morte organizada: os bárbaros. *O Globo*, p.40.
- Castro, R. (1994). No pedimos ni damos tregua: barras de fútbol y violencia en el Estadio. *Anthropologica*, 12(12), 161-178.
- Conde, E. F. Q., Jazenko, F., Fraga Filho, R. S., Costa, D. H. da, Torro-Alves, N., Cavallet, M., & Gawryszewski, L. G. (2011). Stimulus affective valence reverses spatial compatibility effect. *Psychology & Neuroscience*, 4(1), 81-87.
- Conde, E. F. Q., Matsushima, E. H., Torro-Alves, N., Cavallet, M., Jazenko, F., Fraga-Filho, R. S., & Gawryszewski, L. G. (2014). Affective Spatial Compatibility task (AffSCT): theory and applications. *Temas em Psicologia*, 22(3), 625-638.
- Cratty, B. J. (1984). *Psicologia no esporte*. Prentice-Hall do Brasil.
- Cunha, O., & Gonçalves, R. A. (2013). Análise confirmatória fatorial de uma

- versão portuguesa do Questionário de Agressividade de Buss-Perry. *Laboratório de Psicologia*, 10(1), 3-17.
- Damo, A. S. (2002). Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes. Porto Alegre: UFRGS.
- Damo, A. S. (2008). A magia da seleção. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 28(1).
- Dunning, E. (1994). The social roots of football hooliganism: A reply to the critics of the "Leicester school". In R. Giulianotti, N. Bonney & M. Hepworth (Eds.), *Football, violence and social identity* (pp.128-57). London: Routledge.
- Dorsey, J. M. (2016). Soccer Versus Jihad A Draw. *American Behavioral Scientist*, 0002764216632846.
- Giulianotti, R. (2012). Fanáticos, seguidores, fãs e flâneurs: uma taxonomia de identidades do torcedor no futebol. *Recorde: Revista de História do Esporte*, 5(1).
- Gouveia, V. V., Marques Chavez, C. M. C., Peregrino, R. R., Castello Branco, A. O., & Gonçalves, M. P. (2008). Medindo a agressão: o Questionário de Buss-Perry. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 60(3).
- Giulianotti, R. (Ed.). (2013). *Football, violence and social identity*. Routledge.
- Harris, J. A. (1995). Confirmatory factor analysis of the aggression questionnaire. *Behavior Research and Therapy*, 33, 991-993.
- Holey, A. J., & Johnson, B. S. (1998). Menaces to management: a developmental view of British Soccer Hooligans, 1961-1986. *Sports J*, 1(1).
- Joseph, S. (2015). A dynamic and psychosocial analysis of soccer: problems and proposed solutions. *International Journal of Sport Studies*, 5(5), 516-525.
- Kerr, J. H., & de Kock, H. (2002). Aggression, violence, and the death of a Dutch soccer hooligan: A reversal theory explanation. *Aggressive Behavior*, 28(1), 1-10.
- Lins, L. (2014, 3 de junho). Torcedor morre após ser atingido por vaso sanitário. O Globo, Recuperado em 24 junho, 2016, de <http://www1.folha.uol.com.br/esporte/2014/05/1449052-torcedor-morre-atingido-por-privada-arremessada-de-estadio-em-recife.shtml>.
- Lopes, F. T. P. (2013). Dimensões ideológicas do debate público acerca da violência no futebol brasileiro. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 27 (4), 597-612.
- Lopes, F. T. P. & dos Reis, H. H. B. (2016). Políticas de segurança ou de dominação? Dimensões ideológicas do relatório da comissão paz no esporte. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 36.
- Murad, M. (2013). Práticas de violência e mortes de torcedores no futebol brasileiro. *Revista USP*, 99, 139-152.
- Oliven, R. G., & Damo, A. S. (2001). *Fútbol y cultura* (Vol. 10). Editorial Norma.

- Park, H. J., Li, R. X., Kim, J., Kim, S. W., Moon, D. H., Kwon, M. H., & Kim, W. J. (2009). Neural correlates of winning and losing while watching soccer matches. *International Journal of Neuroscience*, 119(1), 76-87.
- Reis, H. H. B. D. (2010). O espetáculo futebolístico e o Estatuto de Defesa do Torcedor. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 31(3), 111-130.
- Sacks, D. N., Petscher, Y., Stanley, C. T., & Tenenbaum, G. (2003). Aggression and violence in sport: Moving beyond the debate. *International journal of sport and exercise psychology*, 1(2), 167-179.
- Silva Brito, J. G., & Maciel, B. (2015). Folkcomunicação, mídia e futebol: análise dos torcedores símbolos do Santa Cruz como expressão cultural e popular. *Revista Internacional de Folkcomunicação*, 13(28).
- Silva, C. F., Menegotto, F. M., Carmona, E. K., & Mazo, J. Z. (2016). As mulheres na torcida jovem do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense. *RBFF-Revista Brasileira de Futsal e Futebol*, 8(29), 197-204.
- Silva, P. A. L. (2009). *Agressividade e representações sobre a violência em jovens institucionalizados*. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde), Universidade Fernando Pessoa, Portugal.
- Sivarajasingam, V., Moore, S., & Shepherd, J. P. (2005). Winning, losing, and violence. *Injury Prevention*, 11(2), 69-70.
- Toledo, L. H. (2010). Torcer: a metafísica do homem comum. *Revista de História*, (163), 175-189.
- Vieira, R. A. G., & de Siqueira, G. R. (2008). Violência entre torcidas nos estádios de futebol: uma questão de saúde pública. *Saúde e Sociedade*, 17(3), 54-62.
- Wachelke, J. F., Andrade, A. L. D., Tavares, L., & Neves, J. R. (2008). Mensuração da identificação com times de futebol: evidências de validade fatorial e consistência interna de duas escalas. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 60(1), 96-111.